

Caro leitor, quando você estiver lendo este texto, uma de duas coisas poderá ter ocorrido: a) a presidente Dilma Rousseff terá seu mandato cassado pelo Senado da República, estando no poder, de fato e de forma, Michel Temer, vice na chapa que elegeu Dilma por uma margem apertada de votos; ou b) Dilma Rousseff, sendo absolvida pelos senadores na votação final, estará de volta ao poder, e Temer reassumido (ou não) seu posto como vice-presidente.

Veja, estamos falando do Brasil, que já conviveu com um *impeachment* há não tanto tempo assim (em 1992, quando o defenestrado foi Fernando Collor de Mello), numa ruptura democrática muito menos “nervosa” que a atual, pois não houve, naquele momento, quem duvidasse da legitimidade do *impeachment*, tendo-o, como agora, na conta de golpe. De toda forma, enquanto acontece todo esse processo, nada parou no Brasil, as instituições continuam funcionando, a vida da população não mudou, para pior ou para melhor e, grande motor de todo esse imbróglio, a economia dá sinais de que, se continua precisando respirar por aparelhos, dá-se como certo que o pior já passou.

Isto posto, o presente dossiê, como se verá a partir da próxima página, trata, justamente, de democracia. “Democracia na América Latina” é um trabalho de escol – perdoe-me o passadismo –, pensado e organizado por Bernardo Sorj, professor titular da UFRJ, a quem muito devemos, pois, dos oito autores que orquestram esta seção, dois são brasileiros, dois são peruanos, um é boliviano, um, argentino, um, chileno e um último, mexicano. Do México à Argentina e Chile, os principais países de *nuestra América*, como se diz, são observados com lupa. Ocorre-me a palavra “imperdível” para caracterizar este trabalho. Deixo ao leitor o adjetivo particular para avaliar nosso atual dossiê.

Francisco Costa